

Mais 103 pessoas são mortas em massacre

Jovens foram degolados por terroristas ao sair de um cinema atingido por uma bomba

• ARGEL. O Ramadã é o mês sagrado dos muçulmanos, quando os fiéis jejuam da aurora ao crepúsculo. Para os argélinos, porém, o Ramadã se tornou sinônimo de violência e morte. Na noite de domingo para ontem, mais 103 pessoas foram assassinadas no país em massacres atribuídos pelo Governo a terroristas islâmicos fundamentalistas. A mais recente carnificina, que deixou também 70 feridos, ocorreu na aldeia de Sidi Hamed, 30 quilômetros ao sul de Argel, e é a pior admitida pelas autoridades nos seis anos de conflito entre os fundamentalistas e o Governo.

Ao todo, desde o início do Ramadã, em 30 de dezembro, mais de 1.100 pessoas já foram assassinadas, a maioria degolada ou queimada viva. Num só massacre, segundo um jornal, foram mortas 412 pessoas. Segundo as forças de segurança, dois membros da milícia de autodefesa local e cinco terroristas foram mortos no último ataque, que come-

çou com uma explosão num café local. Em seguida os terroristas começaram o massacre. Os jornais culpam o Grupo Islâmico Armado (GIA) pela chacina, que, segundo o "Liberté", começou logo após o pôr-do-sol, quando os muçulmanos quebram o jejum. Muitas das vítimas eram jovens que estavam num cinema local e fugiram quando uma bomba foi lançada no recinto. Ao saírem, informou o jornal, foram apanhados pelos terroristas, que cortaram suas gargantas.

O secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, deplorou a onda contínua de violência que está assolando a Argélia e chamou atenção para a urgência de proteger a população civil, em especial mulheres e crianças. Na semana passada, pressionada pela União Européia (UE) e pelos Estados Unidos, a Argélia aceitou receber a visita de uma comissão investigadora para apurar as responsabilidades pelos massacres. Mas deixou claro que o ob-

jetivo deve ser ajudar a combater o terrorismo. Uma missão da UE deve chegar a Argel nos próximos dias, assim como dois emissários da Liga Árabe.

A Frente Islâmica de Salvação (FIS), grupo fundamentalista cuja vitória nas eleições de 1992 foi o estopim para o golpe de Estado que anulou o resultado do pleito, iniciou uma ofensiva na imprensa européia para forçar o Governo argelino a iniciar um diálogo político. A FIS foi declarada ilegal e banida após o golpe. Seu braço armado, o Exército Islâmico de Salvação, declarou uma trégua na guerra contra o Governo no ano passado.

— A FIS considera que a comunidade internacional tem meios para incitar o poder a se voltar para a paz através do diálogo de todas as forças políticas representativas — disse Abdelkader Hachani, membro da direção da FIS, ao jornal francês "Le Monde". ■